

PETROBRAS NA GLOBALIZAÇÃO

“O capital estrangeiro é como o vento; só entra onde tem saída”

(Em suplemento do *Jornal do Commercio**)

GÉRSO FLEISCHHAUER
Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref^o)

SUMÁRIO

Introdução

A auto-suficiência, a importação e a exportação

As parceiras

A globalização

A privatização da Petrobras

INTRODUÇÃO

Como a própria empresa publicou, por ocasião da comemoração de seus 45 anos de fundação, ela vai muito bem e chegou à atual situação, de igualdade técnica e financeira com as demais grandes empresas congêneres, com o seu profícuo trabalho durante o seu regime monopolístico.

Refutando a “pregação” do suplemento, para que então mudar seu rumo? Só porque tem condições de competir? Para que parceria para dividir o seu acervo e o seu promissor futuro com os empresários nacionais ou estrangeiros que, na prática, têm os mesmos propósitos? Para atingir mais rapidamente a auto-suficiência? Para exportar?

* N.A.: “A Petrobras dos novos tempos – 45 anos de capacitação competitiva”, encarte do *Jornal do Commercio* de 1º/4/1998.

A AUTO-SUFICIÊNCIA, A IMPORTAÇÃO E A EXPORTAÇÃO

A auto-suficiência é desejável mas não é prioritária. Além de tudo, é véspera da exportação desordenada, meta habitual das multinacionais, principalmente com o petróleo dos outros.

Alguma importação é até interessante para o País, desde que a preços convenientes, pois além de provocar, por equilíbrio, a exportação de alguns outros bens, retarda a exaustão das nossas jazidas. A salutar Interbrás, que atendia perfeitamente a este propósito, foi extinta!

Há países que, ainda que com disponibilidade local, importam o petróleo há muitos anos, como, por exemplo, os Estados Unidos, que o fazem há cerca de 50 anos. Há outros que, com disponibilidade mínima, ou até nenhuma, auferem altos lucros, trabalhando com o petróleo dos outros, em todos os seus estágios de comercialização, isto é, na produção, no transporte, na refinação etc., como a Itália, com a sua poderosa estatal Ente Nazionale Idrocarburi (ENI)¹, ou, simplesmente, refinando-o, como o Uruguai, com a sua estatal Administration Nacional de Combustibles Alcohol Y Portland (ANCAP).

Será que o Brasil, com a produção diária de 1 milhão e 600 mil barris, terá que procurar outro caminho?

Exportar energia ou minerais básicos *in natura* é uma enorme imprudência, pois é operação nunca remunerada por um preço justo, além de matar o futuro de um país.

Não incluindo nenhum beneficiamento no produto, haverá uma margem mínima de lucro.

Assim, no meu julgamento, a privatização da Vale do Rio Doce transformará o nosso subsolo numa “cadeia de buracos”, que se converterão, no estrangeiro, numa “cadeia de montanhas”! Imaginem no caso da Petrobras!

Em 1958, expunha eu, modesto capitão-tenente da nossa Marinha, ao Senhor Pauxi Nunes, então governador do Amapá, o perigo da exportação não controlada do manganês. Hoje, a Serra do Navio transformou-se no Buraco do Navio!

**A auto-suficiência é
desejável mas não é
prioritária. Além de tudo, é
véspera da exportação
desordenada**

AS PARCERIAS

O suplemento “A Petrobras dos novos tempos – 45 anos de capacitação competitiva”, a despeito de apresentar uma excelente situação atual, tenta

convencer o leitor da necessidade do ingresso da empresa no sistema da economia globalizada. Segundo o texto, seria a única solução para a empresa.

Globalização é, no meu ponto de vista, como se, depois da “mesa posta”, fossem chamados os convidados sob a alegação de que a competitividade do anfitrião não tolerará gastrônomos!

Mas não precisamos de convidados; poderemos comer tudo sozinhos, coisa, entretanto, que a empresa, há muitos anos, não faz, em prol da “utilidade pública” que, normalmente, não impressiona o empresariado.

A parceria não será, absolutamente, fruto da nova sistemática imposta, pois no

1 N.A.: No Brasil, sua penetração é feita através da AGIP.

regime monopolístico teve sempre a Petrobras parceiros e terceiros, que tiveram desenvolvimento e emprego, graças aos preços convenientes de suas matérias-primas e a utilização preferencial da mão-de-obra local.

Se tem ela capacidade técnica, a ponto até de poder vender tecnologia – o que nunca deveria fazer, uma vez que os avanços tecnológicos estrangeiros sempre nos foram negados –, e capacidade financeira, conforme atesta o citado suplemento, para que a parceria com as poderosas multinacionais? Para ajudá-las a serem mais fortes?

A GLOBALIZAÇÃO

A Petrobras nunca “se preparou para chegar ao tempo da globalização”, como alega o suplemento, porque sempre houve esse tempo, embora com outros nomes, com outras máscaras, mas sempre com o mesmo propósito de confundir, até com elogios, na tentativa de lançar mão dos recursos alheios!

A voracidade dos países adiantados e a ameaça da exaustão de seus recursos locais e dos por eles explorados sempre existiram e, quando os nomes por eles utilizados caem em desmoralização, é preciso criar novos, como “globalização”, “neoliberalismo”, “acordo de múltiplos investimentos”, “extra-territorialidade das leis” (americanas, é claro) etc.

Henry Kissinger, secretário de Estado dos Estados Unidos, já dizia em 1977: “Os países industrializados não poderão viver da maneira como existiam até hoje se não

tiverem à sua disposição os recursos naturais não renováveis do planeta, a um preço próximo do custo da extração e transporte e, se elevados, que o sejam sem perda de relação de troca pelo reajustamento correspondente nos preços de seus produtos de exportação. Para tanto, terão os países industrializados que montar um sistema mais requintado e eficiente de pressões e constrangimentos garantidores da execução de seus intentos.”

Como diz o suplemento da Petrobras, o “ufanismo nacionalista e a longa e eficiente consolidação da Empresa no palco monopolista, que fazem, entretanto, parte da sua gloriosa história de sucesso, nunca deverão ficar para trás”.

Que plêiade de contra-sensos! Por que o “entretanto”? Por acaso, a “eficiente consolidação da empresa” e “a gloriosa história de sucesso” são deméritos? Poderiam ficar para trás?

Na melhor hipótese, a globalização nos levaria a fazer parte de um *trust*, tão odioso como os demais!

Estou convicto de que o ufanismo nacionalista levanta os países, apesar de, recentemente, um apátrida ter dito: “Passou a era das ideologias.” Para ele a era não “passou” porque nunca “existiu”, pois, no meu julgamento, a sua cabeça não comportou um ideal puro!

A PRIVATIZAÇÃO DA PETROBRAS

Mas a razão de todos estes rodeios está na falta de coragem de que seja determinado: “Vamos privatizar a Petrobras!”

Terão os países industrializados que montar um sistema mais requintado e eficiente de pressões e constrangimentos garantidores da execução de seus intentos

Henry Kissinger, quando secretário de Estado americano

Ninguém ignora que o repúdio seria geral e a sua efetivação poderia ser motivo até para uma convulsão interna. Lembremos que a simples tentativa de mudar o nome de Petrobras para Petrobrax causou uma intensa reação do povo e uma enorme celeuma.

Convém recordar que a campanha "O petróleo é nosso" movimentou, proporcionalmente à população das diversas épocas, muito mais brasileiros que os movimentos em prol da Independência, da abolição da escravatura ou da proclamação da República.

Para a privatização da Petrobras, restam então os falsos argumentos e as ações administrativas prejudiciais, culpando-a da dívida externa e do não alcance da auto-suficiência; taxando-a, cada vez mais; desviando suas rendas para cobrir déficits que, absolutamente, não lhe dizem respeito; não pagando a seus fornecedores; exigindo-lhe crescentes *royalties*; enfatizando os poucos casos de agressão ao meio ambiente por ela causados e até superestimando o valor dos salários de seus empregados.

Que se paguem *royalties* a proprietários particulares, entendemos, mesmo não sendo eles donos dos respectivos subsolos. Mas governadores e prefeitos não são proprietários dos respectivos estados e municípios, a quem se devem pagar aluguéis!

Além disso, há municípios que recebem *royalties* sem nunca terem sentido o cheiro do petróleo. Os municípios produtores de petróleo ou por ele transitados geralmente nada investem na atividade. Pelo contrário, normalmente é a empresa que leva a eles saneamento básico, asfaltamento, postos de saúde, escolas etc., além de dar emprego à mão-de-obra local.

Coerentemente com o que foi dito, é oportuno lembrar que o Presidente da República também não é o dono do território nacional e, portanto, não pode arrendá-lo, muito menos vendê-lo.

Royalties pagos por empresa estatal brasileira ao Governo constituem uma aberração. São como aluguéis pagos por um filho a seu pai por ter sido por ele gerado.

No mar, o absurdo é ainda maior! Talvez deveriam ser pagos a Netuno.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ECONOMIA> / Petróleo; Petrobras; Privatização; Globalização;